



Movimento Mangubeat e a cena cultural do Recife: o manifesto e seus herdeiros.¹

Mariama da Mata Leite Moura²

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Raquel de Aragão Uchôa Fernandes³

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo

O Movimento Mangubeat, surgiu por volta da década de 90 na cidade do Recife no estado de Pernambuco, na época considerada como a 4ª pior cidade para se viver no país. Se apresentou como reação de jovens artistas ao que consideravam como “caos” vivido pela cidade do “mangue”. O Primeiro Manifesto do mangue: “*Caranguejo com cérebro*” redigido por Fred 04 junto com Chico Science e Renato L., foi um marco simbólico daquela “cena cultural”. Neste artigo propomos refletir como a memória deste movimento é evocada na contemporaneidade, principalmente através de grupos identificados como Herdeiros do Mangubeat, influenciando a cena cultural do país, em particular do Recife.

Palavras-chave: Movimento Mangubeat, Memória, Herdeiros do Mangubeat.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo refletir como a memória do movimento Mangubeat é evocada na contemporaneidade influenciando a cena cultural atual. Estamos considerando que em alguma medida há utilização/consumo da memória do movimento Mangu na atual cena cultural do país, em particular do Recife. Exemplo disto, foi a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 07: Comunicação, Consumo, Memória: cenas culturais e midiáticas, do 6º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social da Universidade Federal Rural de Pernambuco e Bolsista da CAPES. E-mail: mariamadamata@hotmail.com

³ Professora orientadora. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É professora e diretora do Departamento de Ciências Domésticas da UFRPE e membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: aragaouchoa@hotmail.com



homenagem agora em 2016 do galo da madrugada, a um dos líderes mais importantes do movimento, Chico Science, comemorando os 50 anos de seu nascimento.

Chico Science faleceu no auge da sua carreira, em 2 de fevereiro de 1997 devido a um trágico acidente de carro na cidade do Recife. A homenagem no Galo da Madrugada, representa demonstração da atualidade do legado de Science, ícone do que ficou conhecido como movimento Manguebeat.

Segundo o Manifesto Mangue⁴ uma “cínica” noção de "progresso", elevou a cidade do Recife ao posto de "metrópole" do Nordeste, mas sinais de uma possível esclerose econômica se manifestavam já no início dos anos 60 com o agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano⁵. Nos anos 90 o Recife detinha o maior índice de desemprego do país, mais da metade dos seus habitantes moravam em favelas e alagados e segundo um instituto de estudos populacionais de Washington, a capital pernambucana era a quarta pior cidade do mundo para se viver (CAMPOS, 2013)

É nesse cenário histórico e social que surge um movimento cultural que ficou conhecido no mundo como Manguebeat e que com o decorrer do processo de criação e consolidação ganhou, além da dimensão artística, dimensão política, o que, articula este movimento ao que chamamos de novos movimentos sociais⁶. De acordo com o Manifesto Mangue o objetivo dos jovens artistas era o de “recuperar a alma da cidade”.

Diziam eles:

[...] Não é preciso ser médico pra saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruir as suas veias. O modo mais rápido também,

⁴ Manifesto Mangue criado pelos integrantes do movimento Manguebeat, Fred 04(Líder da Banda Mundo Livre S.A)

⁵ “A partir da segunda metade dos anos 60 (...) com o acentuado êxodo rural, aumentou o problema da moradia, do desemprego e, conseqüentemente, da miséria e violência nas cidades.” (TEIXEIRA, 2005), em Recife não foi diferente, neste período a cidade já vivenciava problemas relativos a acelerado processo de urbanização.

⁶ Segundo Laclau (1986) será com o surgimento de movimentos centrados em questões identitárias, também denominados de “novos movimentos sociais”, que a problemática do sujeito passou a ser tratada de forma diferenciada na teoria sociológica. Esses movimentos, de acordo com o autor, tendem a criar e politizar espaços alternativos de lutas. Os “novos movimentos” que surgem na América Latina não se baseiam mais em um único modelo totalizante de sociedade, como ocorria anteriormente. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/download/.../12489> acesso em 25 Jan/16.



de enfiar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários [...] (CAMPOS, 2013)

Este movimento ampliou o espaço da capital Pernambucana no que se refere ao mercado de produtos culturais. É expressivo o número de músicos que afirmam ainda hoje que foram e são influenciados pelo Manguebeat e que, quase três décadas após a sua criação, de alguma forma reivindicam a identidade de herdeiro do movimento na atual cena cultural do Recife. Diante disto, o presente artigo se volta para compreender a utilização/consumo da memória do Movimento Manguebeat na cena cultural do Recife no contexto atual.

Este estudo faz parte de pesquisa que vem sendo realizada a nível de mestrado no Programa de Pós Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, que pretende compreender a identidade e o consumo do movimento Mangue na cena atual do Recife. Ao analisarmos quais são as formas de articulação entre consumo e identidade, a partir de produtos culturais, estaremos de certa forma lidando com esta concepção de consumo de cultura e identidades, o que viabiliza o aprofundamento em um campo ainda pouco explorado de debate.

No caso do movimento Manguebeat, principalmente com a morte de Chico Science, criou-se uma referência muito forte para a cena cultural do Recife, além disso, tornou-se também um produto a ser consumido pelos jovens, referência para surgimento de novas bandas que buscam se inspirar no Manguebeat.

Essas influências podem ser percebida nas afirmações de vários artistas, bandas e integrantes que fizeram parte e viveram nesta cena cultural, citamos alguns: Nação Zumbi(Du Peixe), Mundo Livre S.A (Fred 04), Mombojó, Banda Eddie, China, Karina Buhr, Dj Dolores, Renato L. e outros, fato também reafirmado na homenagem que fez a cidade do Frevo, através do seu bloco mais popular (o Galo da Madrugada) que comemorou os 50 anos de nascimento Chico Science.

Para esta reflexão, primeiramente faremos um breve histórico sobre o Movimento Manguebeat. No segundo momento, vamos tratar da cena do movimento estudado, tendo como referência a cena política e cultural, e por fim trataremos a



relação entre memória e a concepção de Herdeiros do movimento, onde pretende-se analisar como o movimento manguebeat foi representativo para esta nova geração.

A metodologia aplicada foi exploratória através de documentos, revistas científicas, discografia, fotos, depoimentos em documentários, museus e livros.

Movimento Manguebeat

O movimento Manguebeat é apresentado como um movimento que trazia para a cena política e cultural os jovens de “periferia”, com o intuito de mudar o contexto de estagnação cultural que a cidade se encontrava nos anos de 1990, a proposta era associar política e música com um olhar “antenado” as condições de seu cotidiano na cidade. Com esta proposta o movimento passa a agregar outros estilos musicais, como disse Chico Science em entrevista folha de São Paulo (1994) para Luiz Antônio Giron:

Temos fome de informação. Na imagem de Josué, somos caranguejos com cérebro, como os pescadores que ele descreveu no livro Homens e Caranguejos. Eles pescam e comem caranguejos para depois excretá-los no ciclo caótico. Fazemos uma música caótica. (TELES, 2003, p.80)

Podemos dizer que a referência do movimento volta-se para um hibridismo cultural.⁷ Leão (2003) menciona que :

Chico Science, faz o anúncio de uma nova manifestação social que transformará os conceitos ideológicos existentes na cultura Nordestina [...] colocando esse jovem modelo artístico dentro do circuito da cultura de massa, o Manguebeat destaca as mudanças pelas quais a cidade do Recife começa a ser conhecida e reconhecida como um pólo cultural urbano e fomentador de música pop.

Segundo Gameiro e Carvalho (2008,p.3) :

O movimento Mangue Beat surge no início da década de 90, em um contexto marcado pela ofensiva econômica neoliberal que deixou de lado as demandas sociais e abriu assim espaço para um ‘caldo’ sóciopolítico propício ao surgimento de movimentos de rebeldia e contestação. Fruto desse processo, o Movimento Mangue articulou as manifestações culturais da periferia de Recife à margem das administrações públicas, fincando sua diferença com os seus predecessores, na forma de se relacionar com a cultura popular, conectando-a com expressões globais e, ao mesmo tempo, expondo a situação de exclusão social, violência e fome dos bairros de periferia de Recife.

⁷ Segundo Canclini ([1997]2003) ao possibilitar refletir que a polêmica contra o purismo e o tradicionalismo folclórico o tenha levado a preferir os casos prósperos e inovadores de hibridação.



A ideia do movimento era justamente universalizar os elementos nacionais (a fusão dos ritmos regionais e o pop), propondo mostrar uma nova cena para o mundo, conectando o Brasil com o cenário pop mundial e estabelecer um diálogo com as manifestações artísticas que trouxeram à tona um Brasil cosmopolita como o movimento Antropofágico⁸ e Tropicália⁹ (Leão, 2003)

Com esta proposta o movimento cultural da cidade do Recife configura-se como um dos movimentos mais marcantes dos anos 1990.

O símbolo Mangue, que foi importante também na construção da identidade da cena em estudo, na concepção de Vargas (2007) diz que:

O mangue foi um processo de produção e divulgação de novas criações em música pop - com ecos no cinema, moda, artes plásticas, dança e literatura – ao mesmo tempo em que recuperou as tradições musicais de Pernambuco. Esse movimento se pautou tanto na busca desses ritmos e seus produtores populares, como também na construção de formas de divulgação dos trabalhos dos jovens músicos e dos artistas tradicionais (VARGAS,2007).

Para Souza (2001)

Mangue foi o primeiro termo usado pelos seus proponentes, para identificar uma *cena* cultural, que começava a se formar na periferia de Recife, e que posteriormente ganharia corpo, tomando espaço nos cadernos culturais da imprensa local e nacional, chamando atenção para o fato de que nesta cidade, havia um grupo de jovens que através da música, buscavam superar suas dificuldades do dia a dia, ao mesmo tempo, procuravam produzir um novo “som” no cenário cultural urbano, contemporâneo, brasileiro, através das experiências desses mesmos jovens, em torno do nascente “movimento mangue”.

⁸ Trata-se de um movimento que teve sua liderança Oswald de Andrade, Raul Boop, Tarsila do Amaral, Mario de Andrade, dentre outros.. Era uma resposta à semana da arte, ocorrida em 1922 , que marcou a vida artística brasileira,. Disponível em: <http://www.domtotal.com/direito/uploads/pdf/4bad766e39e2eaaad75c476e926e82aa6.pdf>

⁹ Nas décadas de 60 e 70 afloraram referenciais de uma experiência que abriu o campo para uma reflexão sobre as condições de emancipação de alguns segmentos sociais e culturais. O Movimento tropicalista cujo período incide na seguinte datação: setembro de 1967 a dezembro de 1968 constituiu um desafio à crítica cultural dessa década. Os tropicalistas, influenciados pela produção de paradigmas da mudança cultural, da transformação estética e política da época, indicam uma situação nova, no contexto dos acontecimentos das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro (FAVARETTO,1996,p.99).Disponívelem:
http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Mestrado/Educacao_Arte_e_Historia_da_Cultura/Publicacoes/Volume3/O_movimento_tropicalista_e_a_revolucao_estetica.pdf



O que se percebe neste movimento é que o símbolo mangue talvez representasse a diversidade trazendo uma nova cena cultural, como resposta e quebra da barreira de que a periferia é uma arte “estereotipada” e “folclorizada”, inovar na música foi uma forma de enfrentamento à cidade caótica e dominada pela cultura subalterna elitizada e homogemônica. Já que em Pernambuco só se escutava música nacional e Internacional.

Como podemos perceber na fala de do autor Neto (2000).

Em 1984, o Brasil foi sacudido pela abertura política e, com mensagens frenéticas, a mentalidade feudal de alguns artistas pernambucanos foi sacudida, enquanto o Sudeste assistia à explosão de bandas como Legião Urbana, Kid Abelha, Ultraje a Rigor, Barão Vermelho, Lobão e Titãs. Pernambuco, “terra dos altos coqueiros”, ainda vivia à sombra da cultura inventada pela geração 60 no Recife. Nos anos 70, Lenine iniciou um processo que tinha Alceu Valença como similar: a fusão do folclore com a música pop/rock/afro.

De acordo com Teles(2003),

Não se escutava nada de novo na música pop desde a eclosão do rock dos anos 80, isso fez com que as gravadoras buscassem novidades, e foi através da Banda Nação Zumbi que a gravadora da poderosa Sony Music ¹⁰veio até a via Brasil ¹¹ para contrata-la, além disso foi ali que, em maio de 1993, Chico Science & Nação Zumbi, Mundo Livre S/A, Loustal, Cérebro Esquerdo e Eddie participaram de um show que serviria para financiar a primeira excursão das duas principais bandas do movimento ao Sudeste do País.

O movimento não só se destacou na música, mas também no estilo de vida do jovens que vivenciaram a cena, com isso em se tratando dos Mangueboys e Manguegirls, ora apresentado no 1º Manifesto Mangue de 1993 intitulado “Caranguejos com cérebro¹²”, são indivíduos interessados em quadrinhos, tv interativa, anti-psiquiatria, Bezerra da Silva, Hip Hop, midiotia, artismo, música de rua, John Coltrane, acaso, sexo não- virtual, conflitos étnicos e todos avanços da química aplicada no terreno da alteração e expansão da consciência (TELES,2003). Já as Manguegirls são adolescentes de classe média que passaram sua infância entre o asfalto e as praias

¹⁰ Gravadora que ajudou a canalizar o disco da Banda Chico Science e Nação Zumbi ao mundo em 90.

¹¹ Via Brasil era um bar que funcionava na rua da Pernambucanas no bairro das Graças em Recife Pernambuco.

¹² O texto é de autoria de Fred Montenegro, o Fred 04 da Mundo Livre S/A.



das cidades de Jaboatão, Olinda e Recife. Apaixonadas pelo estado e por tudo de novo que pudesse vir a ser fundido à cultura local. (SEBRAE/PE)

E ainda de acordo com Neto (2000,p.196) :

Há possibilidade de se ver no personagem do manguelboy, um híbrido de menino e homem, um rebelde com causa, disposto, e bem disposto, a negociar justamente numa hora em que havia sinais de mudança nos padrões de produção e consumo.

A definição do que é Manguelboys e Manguelgirls é compreender o estilo de vida desses jovens e sua identidade, que foi inspirado pelo movimento Manguelbeat, além dessas características são também considerados jovens antenados no regional e no internacional. Esses eram os termos usados para caracterizar os jovens dos anos 1990 que viviam em Recife e que estavam envolvidos neste movimento. Além disso, segundo Neto (2000, p.232) “o manguelboy aparecia como o sujeito fragmentado, composto de várias identidades”.

Neste período histórico do Movimento Manguelbeat, o mercado da música Pernambucana, ganhou força e canalizou suas músicas pelo mundo, esse movimento abrangeu mais do que música. Segundo Teles (2003) “foi uma espécie de renascimento para a cultura pernambucana. Indiretamente fez surgir vários pólos culturais na cidade (o pólo Pina, com o lendário bar, A Soparia, de Roger Renor, tornou-se “point” dos Manguelboys e Manguelgirls). Fez sobretudo, o Pernambuco interessar-se pela sua própria cultura”.

De acordo com Campos (2013) diz que :

O Movimento Manguelbeat inseriu a cidade do Recife, a música pernambucana e brasileira no debate sobre globalização, por fomentar a fusão de ritmos, permitindo o afloramento de uma discussão em torno das identidades locais, em que a cidade do Recife passa a ser reconhecida como uma metrópole latino-americana, com todos os seus hibridismos. Inaugurou também uma linguagem musical que deu espaços para hibridismos na música pernambucana, incentivando centenas de jovens a formar a sua própria banda, o que desencadeou o aparecimento de novas bandas, que hoje se situam sob o rótulo de pós-mangue.

A contribuição do movimento manguelbeat aconteceu quando se começou a desafiar e a mobilizar para que os próprios Jovens Pernambucanos comessem a



produzir sua arte, música, moda, cinema, grafiteagem e se unissem em meio ao caos no objetivo de bombear as veias que estavam entupidas na cidade do mangue segundo eles próprios declaravam. E foi através do legado do manguebeat que houve a inserção de jovens pertencentes a periferia na cena musical da cidade.

Como aponta Leão (2002), se antes o espaço do lazer eram as salas de concerto, os teatros, as casas de show, a partir do manguebeat, a rua passou a ser ocupada por jovens ávidos por diversão, culminando, por exemplo, com a revitalização do bairro do Recife Antigo, antes considerado reduto de vagabundagem e prostituição (CAMPOS,2013)

Portanto o Movimento Manguebeat longe de ser impulsionado pela configuração da cidade naquele contexto, foi na verdade uma resposta as condições de vida na Cidade do Recife tomada por desemprego e miséria. A mobilização dos jovens Recifenses articulou questões sociais e artísticas com objetivo de injetar vida na cidade, e de fato isso aconteceu na música o que puxou outras áreas como moda, cinema, arte e etc.

Diante do exposto podemos dizer que através do Movimento Manguebeat surgiu uma identidade cultural muito forte que permanece para muitas gerações de bandas e músicos, também na Arte, na Moda e até mesmo na linguagem, ou seja criou-se uma estética inovadora na cultura Pernambucana agregando a mistura do que é local com o internacional (regional e o pop), já que nos anos 90 apenas a estética armorial (tradicional) era a predominante no Recife. O movimento mangue beat criou um nova batida para a música Pernambucana. Segundo Fred 04, em entrevista ao documentário sobre o Movimento Manguebeat gravado na TV Cultura, o movimento tinha uma analogia de Diversidade do Ecossistema Mangue e a diversidade Cultural da Cidade.

A Cena

O termo *cena cultural* na concepção do autor Herom Vargas (2007,p.87):

A expressão usada pelos Mangueboys era *cena cultural*, palavra “mágica”, segundo Renato L., por denotar um estado de acontecimento, sem a necessidade de uma proposta teórica fechada. A noção de cena retira o sentido teleológico contido na palavra movimento que envolve uma espécie de



caminho único, homogêneo, a ser seguido por todos que compartilham o ideário, como balizas de atuação estética.

Ainda de acordo com Vargas (2007, p.88) “da mesma forma, o termo *cena* enfatiza um caráter muito citado pela turma que é o da diversidade.”

E em relação aos termos diversidade e cena, Vargas (2007, p.89) diz que :

Os termos diversidade e cena trazem uma implicação ainda maior. Na prática, traduzem um potencial de abertura à hibridação estética e cultural que percorre o Mangue, algumas vezes silenciosamente, mas em muitas de formas nítida, tanto que muito se fala do Mangubeat pelo aspecto das fusões rítmicas, como demonstra o trabalho do grupo CSNZ¹³.

Essa ideia de cena e hibridez do Mangubeat abre espaço também para o debate do conflito entre centro e periferia, quando a cidade passa de simples consumidora para produtora de uma cultura pop, que ganha reconhecimento internacional e nacional.

Em alguma medida o movimento mangubeat inverte essa lógica hegemônica, de que a cultura e mais especificamente a música, segue o percurso do centro para a periferia, construindo uma estética própria identificada com os elementos culturais do estado e da região, se estabelecendo como produtor (criador) e não apenas um passivo consumidor de cultura¹⁴, como fica claro no “manifesto caranguejos com cérebro” redigido por Fred 04 junto com Chico Science e Renato L¹⁵ que diz: “uma antena parabólica enfiada na lama”.

Esse manifesto foi inspirado em releitura de Josué de Castro, autor do Romance Homens Caranguejo, em que no movimento Mangubeat deu-se destaque novamente ao mangue.

Portanto percebe-se que em meio de um contexto de caos, pobreza, degradação das questões de vida surge um “movimento” ou “cena” que durante o processo vai desvendando uma diversidade de identidade, estilo de vida e em termos de expressão cultural, artística, política e de militância, principalmente sobre à questão cultural do

¹³ Símbolo da banda Chico Science & Nação Zumbi, principal representação musical do movimento Mangubeat.

¹⁴ As conexões periféricas da cultura brasileira podem ser percebidas muito claramente em várias áreas como a música, a literatura, as artes plásticas, a televisão, o teatro, etc.

¹⁵ Integrantes do “movimento mangubeat”



Recife. Essa construção da identidade pode ser revelada nos meios de divulgação do movimento através do estilo musical, dos produtos, da linguagem, do corpo e etc.

Ô Josué, nunca vi tamanha desgraça
Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça
(CHICO & NAÇÃO ZUMBI-DA LAMA AO CAOS, 1994)¹⁶

Por isso foi através da música que os jovens artistas começaram a compor o cotidiano da cidade, isso se confirma na fala de Neto (2000, p.30), “a técnica de composição de Chico (e de outros integrantes do movimento mangue) justapõe imagens do Recife formando um painel que sugere uma razão para o caos”. O que podemos ver na letra e música do próprio Chico Science intitulado de “A Cidade”:

[...] A cidade não para, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce
A cidade se encontra prostituída
Por aqueles que a usaram em busca de saída [...]
pra a gente sair da lama e enfrentar os urubu
num dia de sol Recife acordou
com a mesma fedentina anterior
(CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI-DA LAMA AO CAOS, 1994)

De acordo com a citação anterior pode-se confirmar na letra da música “Antene-se” da discografia da Lama ao Caos, Chico Science & Nação Zumbi (1994):

É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo
Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos
Entulhados à beira do Capibaribe
Na quarta pior cidade do mundo

Recife cidade do mangue
Incrustada na lama dos manguezais

¹⁶Diante deste trecho citado, Chico Science, se inspirou na famosa obra do Josué de Castro “A geografia da fome” em que, o próprio Josué afirma que a fome não é algo natural e sim resultado destes “urubus” que Chico cita na letra, ou seja, do poder dominante que o Estado exerce. Não organiza a cidade de forma justa e não combate a desigualdade social, com isso o cantor e poeta (Chico) chama atenção sobre a questão da miséria que a cidade do Recife estava vivendo nos anos 90, sendo a quarta pior cidade de se viver e que o Estado não estava nem preocupado em injetar vida no Recife, e o movimento mangue veio justamente para questionar isso através desta letra invertendo a lógica do capitalismo e do poder.



Onde estão os homens caranguejos
Minha corda costuma sair de andada
No meio das ruas e em cima das pontes
é só uma cabeça equilibrada cima do corpo
Procurando antenar boas vibrações
Preocupando antenar boa diversão
Sou, sou, sou, sou, sou Manguelito(...)

Em meio a um contexto de caos, pobreza, degradação das questões de vida, este “movimento” ou “cena” ganhou força tornando um movimento em destaque no mercado da música em Pernambuco, isso se confirma quando Chico Science assina contrato com a produtora Sony Music¹⁷.

Além da conquista no mercado da música, durante o processo vai desvendando uma diversidade de identidade, estilo de vida e até mesmo em termos de expressão cultural, artística, política e de militância, principalmente sobre a questão cultural do Recife.

Memória

Conforme Braga (2000):

A memória humana é concebida como um processo elaborado no movimento coletivo que emerge na interação, e é constituído na cultura. Tanto os signos simbólicos (palavras orais e escritas), quanto os signos icônicos (imagens desenhadas ou esculpidas), podem servir de suporte para a construção da memória. (APUD MORIGI;ROCHA;SEMENSATTO,2012)

O Manguelito emergiram em um processo cultural de interação, marcado por signos simbólicos (o manifesto, as letras das canções), bem como com símbolos icônicos (o chapéu de palha, o caranguejo, a antena parabólica, o caboclo de lança e as alfaias), que serviram de suporte para a construção de uma memória bem específica do Manguelito.

Essa memória específica que tratamos vai se transformar numa herança identitária que encontramos reconhecida na fala de outras gerações pós-manguelito (Momobojó, China, Karina Buhr e outros), herança no entanto reelaborada tanto individual como coletivamente, como também dito por essas novas gerações. Fato que

¹⁷ *O malungo Chico Science* do autor José Teles (2003 p.45-46).



se explica por Pollak (1992,p.204) para quem: “a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos dizer também que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.” Como vemos a relação entre memórias e identidade fica clara na citação deste autor. A memória então constituída pelo movimento manguebeat como acontecimento social, é consolidada em Chico Science e no Mangue como personagem e lugar respectivamente, como trata Pollak (1992): “além dos acontecimentos sociais a memória é constituída também por personagens e lugares.”

Além disso de acordo com Morigi;Rocha;Semensatto (2012):

A memória é uma construção social, produzida pelos homens a partir de suas relações, de seus valores e de suas experiências vividas. Assim pode-se dizer que a memória não é apenas um registro histórico dos fatos, mas uma combinação de construções sociais passadas, com fatores significantes da vida social do presente, sendo permanentemente reconstruída.

Herdeiros do Manguebeat: utilização/consumo da memória do movimento

De acordo com Teles (2003):

O Movimento Manguebeat abrangeu mais do que música. Foi uma espécie de renascimento para a cultura pernambucana. [...] Fez, sobretudo, o Pernambuco interessar-se pela sua própria cultura. A partir daí, os artistas populares, muitos deles condenados ao anonimato, passaram a gravar discos e a ser cultuados pela juventude, a exemplo do Mestre Salustiano, Selma do coco, Lia de Itamaracá”. Chico Science quando passou a trajar o caboclo de lança do Maracatú, acabou virando símbolo do Estado, o que era antes marginalizado. E até mesmo o cinema pernambucano ganhou destaque pela influência do manguebeat.

Portanto pretendemos aqui analisar as bandas e os artistas considerados herdeiros do Manguebeat em duas perspectivas: de um lado perceber as relações entre identidade e consumo por parte dos artistas que afirmam ter sido influenciados pelo Manguebeat, e por outro, dos seguidores que são associados ao movimento, seja pela musicalidade, pela estética, etc. A estratégia para buscar perceber a influência do movimento Manguebeat na cena cultural do Recife/PE se dará desta forma a partir das relações desta identidade por parte dos que afirmam ter sido influenciados pelo Manguebeat.



O mangubeat foi um sucesso de crítica quase unânime, que levou muitas bandas Pernambucanas a assumirem o rótulo manguê, mesmo sem nem estar conectada as propostas do “Movimento”, forjou-se uma outra expressão que abrangesse a todos, a Cena Recifense, que já abrigava outras tendências não prevista pelo Mangubeat. (NETO,2000)

Diante destas informações fica demarcada a perspectiva de que esta Cena Recifense era composta por diversas identidades. Já que os artistas tinham identidades diferentes embora tenham se inspirado do movimento manguê.

O “rótulo manguê” a que se refere Neto (2000) pode estar relacionado ao lançamento de um modismo estético e de uma forma diferente de identificação entre os jovens Recifenses, eles talvez viram o movimento como uma coisa positiva para superar o trauma da “falta de pulso” que a cidade Recife estava vivendo.

Portanto dos já identificados como “herdeiros” influenciados pela ideologia do movimento mangubeat, podemos citar: Mombojó, Orquestra Contemporânea de Olinda e os que surgiram durante o movimento manguê, além das bandas líderes como Chico Science & Nação Zumbi e Mundo Livre S/A, temos Banda Eddie, a banda Jorge Cabeleira e o Dia que Seremos Todos Inúteis segundo Teles(2003) que assinara com a Sony Music, O coração Tribal, a mestre Ambrósio que era cobijada também pela Sony Music, Matalanamão, Dj Dolores, Banda de Pífanos de Caruaru, Sheik Tosado, Stela Campos e Devotos. E os que acompanharam desde o início do movimento, mas seguiram carreira solo: Otto, China e Karina Buhr, Isaar e Siba.

Diante de toda essa influência que os artistas tiveram do mangubeat e dos que foram do movimento, percebe-se que quase todos têm uma produção independente e que ainda segue a contra-hegemonia que foi no movimento, ou seja, não precisa aderir muito ao tempo do mercado capitalista e de uma indústria fonográfica massiva para lançar uma nova música, eles valorizam como um trabalho autoral e não como um produto de massa que se vende milhões. Isso foi percebido através de relatos dos próprios artistas em documentários e em revistas específicas de cultura. E como de fato a memória deste movimento é importante para Pernambuco, pois pode-se dizer que foi



graças a esta mobilização que se a cultura Pernambucana tornou-se conhecida e que tem uma forte referência por sua identidade específica.

Referências

- CAMPOS, Cynthia. **Manguebeat. Pesquisa Escolar Online**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2013.
Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=987%3Amanguebeat&catid=48%3Aletra-m&Itemid=1> Acesso em: 10 jul. 2015.
- CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUBIM. **Da Lama ao Caos**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994.
- GAMEIRO, Rodrigo; CARVALHO, Cristina. **O movimento manguebeat na mudança da realidade sociopolítica de Pernambuco**, 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/462.pdf>> Acesso em 23.jul.2014.
- Leão C. **A negociação do manguebeat: cultura pop, mídia e periferia no Recife contemporâneo**. Eco-pós-V.6,n.2, agosto-dezembro, 2003.pp.95-111. Disponível em : <http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/viewFile/1136/1077> Acesso 16.jul.2015.
- MOROGI, Valdir José ;ROCHA, Carla Pires Vieira da; SEMESATTO, Simone. **Mémoria, representações sociais e cultura imaterial**. Mopheus-Revista Eletrônica em Ciências Humanas-ano 09, número 14,2012. Disponível em: <http://www4.unirio.br/morpheusonline/numero14-2012/artigos/waldir_pt.pdf >Acesso: 09. Mar. 2016.
- NETO, Moises. **Chico Science: a rapsódia afrociberdéllica**. Recife. Edições Ilusionistas.2000.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos , Rio de Janeiro,vol.5,n.10,1992,p.200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf> Acesso: 09 .Mar. 2016.
- SEBRAE/PE. **Manguebats. Elementos da iconografia do movimento Mangue Beat**,2003.
- SOUZA, Cláudio de Moraes. **“Da Lama ao caos”: Diversidade, diferença e identidade cultural na cena Mangue do Recife**. Informe final del concurso: Culturas e identidades en América Latina y el Caribe. Programa Regional de Becas CLACSO. 2001.Disponible en la <World Wide Web:<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/becas/2000/morais.pdf>.> Acesso em 16.jul.2015.
- TELLES, José. **O malungo Chico Science**. Recife: Bagaço, 2003.



COMUNICON2016 congresso internacional
comunicação e consumo

5º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
6º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)

VARGAS, Herom. **Hibridismos musicais em Chico Science & Nação Zumbi**. São Paulo. Ateliê Editorial, 2007.